

QUANTO TEMPO ATÉ O MUNDO ACABAR?

Estudante(s): Ana Laura da Silva, Gabryella Andrade, Maria Eduarda,

Orientador(es): Giovanni Beirigo, Cíntia da Silva Vaz

Escola: Escola Estadual Hercília Martins Rezende

Resumo

18 meses para salvar o planeta, é o que afirma algumas manchetes de jornais, sites e blogs nesses últimos dias. 18 meses para corrigir hábitos e tentar reverter uma situação catastrófica. O inimigo, dessa vez, porém, não é um monstro, asteroide ou alienígenas e sim o próprio ser humano. Por mais alarmante e sensacionalista que essa especulação possa aparentar, visto que ultimamente o mundo acaba todos os anos, ela acaba por gerar uma reflexão e muitas vezes desconforto ao se perceber o quanto a espécie humana está sugando recursos naturais e explorando ao máximo o que a Terra tem a oferecer. É justamente inspirado por esse desconforto que o presente trabalho foi pensado e está sendo desenvolvido. Se só resta 18 meses para salvar o mundo, então que se comece a fazer algo agora. Desde o início do ano na Escola Hercília, debates sobre a realidade ambiental, os cuidados com o meio ambiente e a responsabilidade individual, estão permeando todas as aulas de todos os conteúdos e a demanda não criada por professores ou coordenação, mas pelo próprio corpo estudantil, que sentiu a necessidade de buscar esclarecimentos e mudar atitudes, trazendo como resultado o projeto aqui apresentado, elaborados por todos os alunos do 8º ano B, dos quais os autores do texto tornaram-se representantes.

Palavras-chave: Meio ambiente, preservação, exploração, conscientização ambiental, responsabilidade.

Introdução e justificativa

Em 25 de julho de 2019, às 8h32min da manhã, uma reportagem do G1, possuía o seguinte título “Por que cientistas dizem que próximos 18 meses serão cruciais para salvar o planeta?”, no mesmo dia o site da uol trazia a mesma manchete. A matéria possuía como fonte original a gigante jornalística mundial BBC, que analisava dados apresentados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), entidade criada em 1988, pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), integrado por pessoas de vários países do mundo com objetivo de “fornecer aos formuladores de políticas públicas, avaliações científicas regulares sobre mudanças climáticas, suas implicações e possíveis riscos futuros, além de apresentar opções de adaptação e mitigação”(descrição apresentada no site da instituição: texto original “*he IPCC was created to provide policymakers with regular scientific assessments on climate change, its implications and potential future risks, as well as to put forward adaptation and mitigation options*”)

Segundo o IPCC, o aquecimento global, as transformações climáticas, a emissão de gases como o dióxido de carbono, o ritmo de consumo e de exploração ambiental, estão

atingindo números alarmantes a ponto de gerar uma condição irreversível se nada for feito de maneira objetiva. Por isso já foi agendado pela ONU, para o dia 23 de setembro do corrente ano, uma reunião com líderes governamentais, na cidade de Nova York. Nesse encontro que culminará em 2020 no Reino Unido, os governos buscarão um consenso entre práticas de crescimento econômico aliadas ao desenvolvimento sustentável, além de propor metas de diminuição de danos e projetos de reversão dos prejuízos sofridos pelo meio ambiente.

Porém Londres e Nova York, estão distantes de nossa realidade, os governos muitas vezes não possuem em visão de baixo para cima e nos últimos dias, O Brasil chora por estar perdendo um dos seus maiores tesouros ambientais, por isso não é possível esperar que ONGS, órgãos governamentais ou entidades políticas resolvam tomar decisões, é necessária uma ofensiva da própria comunidade, principalmente daqueles que herdarão esse planeta ou ficarão sem futuro.

O que pode ser feito então? Como individualmente, assumindo responsabilidades enquanto cidadãos e proprietários, a população pode reverter ou pelo menos amenizar essa condição? É possível, uma escola de um pequeno bairro, de uma cidade do interior do interior do Brasil fazer a diferença? São essas as perguntas que o presente texto busca responder.

Objetivos

O projeto visa ajudar as pessoas a ampliarem o seu ponto de vista em relação ao mundo, conscientizando-as sobre a responsabilidade individual para o cuidado com o meio ambiente e que pequenas práticas diárias podem fazer uma grande diferença. Também buscará apresentar tecnologias já desenvolvidas que são utilizadas para melhorar o meio ambiente ao mesmo tempo que garantem desenvolvimento econômico, demonstrando assim que “preservação ambiental não exclui geração de riqueza”.

Metodologia

Durante os primeiros meses desse ano, devido a propagação de catástrofes ambientais, como Brumadinho e mais recentemente a questão Amazônica, os debates acerca da condição ambiental brasileira e mundial ganharam força na escola, demanda esta, apresentada pelos próprios alunos, que buscavam compreender como tais eventos foram possíveis e como eles os afetariam, por isso em aulas como ciência, história e geografia, sempre o conteúdo era

direcionado para essas análises, ao ponto que quando a Feira de Ciência foi proposta, não houve dúvida sobre qual caminho seguir. Para o desenvolvimento do trabalho, assistimos vídeos, pesquisas em diversos sites, consultamos professores e discutimos os pontos mais importantes a nossa própria realidade, sendo muito difícil escolher apenas um tema, pois quando se trata de meio ambiente há muitos assuntos a serem discutidos. Por isso optamos por realizar um projeto de conscientização envolvendo assuntos como "aquecimento global" e "como gerar riquezas sem causar impactos no planeta? ", já que por meio desses ganchos, outras temáticas poderiam ser trabalhadas. Também foi acordado que o trabalho não deveria ficar somente no campo das ideias, mas também possuir uma parte prática que servisse ao mesmo tempo como instrução, exemplo e mecanismo transformador.

Portanto organizamos nosso trabalho da seguinte forma:

- Primeiro momento: Levantamento de dados teóricos por meio de pesquisa nas fontes bibliográficas, jornais, revistas e sites que apresentem opiniões divergentes sobre o tema/ Orientações com os professores de Ciências, História, Geografia e com o nosso Orientador, sobre como tratar e analisar os dados coletados.
- Segundo momento: Coleta de materiais recicláveis e reutilizáveis junto a comunidade escolar, visando ao mesmo diminuir o descarte de lixo, conscientizar sobre o consumo responsável e arrecadar recursos para a escola (com esses recursos, buscaremos conseguir materiais para a montagem de um minilaboratório de ciências, visto que nossa escola, não possui espaço físico ou condições financeiras para montagem e aquisição de um laboratório padr)
- Terceiro Momento: Trabalho de conscientização com os alunos menores, por meio de cartazes e maquetes (sempre usando materiais recicláveis).
- Finalização: Levantamento de ideias, por meio de rodas de conversa, sobre as possibilidades de se produzir, mas de maneira responsável e sustentável e como a escola e as famílias individualmente podem auxiliar nesse processo.

Resultados e Discussão

Afirmar que se caso não houver atitudes drásticas nos próximos 18 meses, o mundo irá acabar, aparentemente pode parecer exagero, título para chamar atenção, sensacionalismos de

redes sociais, mas também não é possível negar que algo está extremamente errado: O clima está louco, espécies estão desaparecendo, calotas polares derretendo. Queimadas assolam não somente o Brasil, mas vários outros países do mundo, barragens de rejeitos se rompem arrastando com a lama a vida e a esperança de centenas de pessoas. Os mais religiosos veem nesses eventos, as marcas do apocalipse, os sinais do fim dos tempos. E será que estão errados? Talvez só em um ponto, se o fim chegar, não será por mãos divinas e sim pelas humanas.

Com uma população de 7,7 bilhões de pessoas, “o planeta” precisa produzir constantemente uma série de recursos; água potável, alimento, vestimentas, medicamento, diversão, tecnologia. Tudo isso em um ritmo frenético e sempre trazendo novidades e o preço que se paga, muitas vezes nem percebido é altíssimo.

Estima-se que 46% das áreas florestais do planeta já foram dizimadas, segundo informações do primeiro censo global das florestas do planeta elaborado em 2015, no Brasil esse número ainda é pior, acredita-se que 90% do território brasileiro era coberto por florestas, atualmente esse número pode chegar a menos de 40%, o censo aponta que 15,3 bilhões de árvores são derrubadas anualmente no mundo. Se lembrarmos que florestas são gigantescos ecossistemas, abrigando milhares de espécies, auxiliando na limpeza do ar e no controle de umidade do planeta, pode-se imaginar os riscos gerados pelo desmatamento desenfreado.

A questão florestal é apenas um dos inúmeros problemas ambientais vivenciados nos últimos anos e a maioria deles esbarra no mesmo motivo original “O Meio ambiente é uma fonte de *recursos* para a sobrevivência humana, explorá-lo seria, portanto, imprescindível para o desenvolvimento e crescimento da espécie “. Mas será que é realmente assim? Não seria possível produzir sem explorar? Gerar riqueza sem destruir? Com os avanços tecnológicos presentes na era da internet, da robótica e do domínio espacial, não teríamos condições de desenvolver realmente um crescimento sustentável.

Muitas pesquisas apontam que sim, é possível gerar riqueza sem agredir o meio ambiente: Investindo em energia limpa, diminuindo o descarte de lixo ou tratando esse lixo de maneira efetiva, incentivo a reciclagem, reuso e consumo consciente, e principalmente incentivo a pesquisa, desenvolvimento tecnológico e conscientização massiva da responsabilidade de cada um no cuidado com meio ambiente. É nesse contexto que o presente trabalho se insere, É nesse contexto que o presente trabalho se insere, ao buscar transformar a escola e os próprios alunos em agentes multiplicadores de uma nova visão e atitude perante a natureza, se movimentando e tornando-se atuante na comunidade que a cerca.

E ao realizarmos as primeiras discussões chegamos a algumas possíveis atitudes:

- Conscientização constante dentro das escolas sobre a importância de uma produção e consumo sustentável.
- Criação de feiras de trocas e bazares para romper aos poucos com a cultura de consumo.
- Divulgar eventos que tratem do assunto.
- Trazer para dentro da escola as pesquisas sobre a área, reforçando o elo entre comunidade e produção acadêmica

Conclusões

O trabalho ainda está em fase de execução, focado no momento na pesquisa e levantamento de dados, porém já pode-se perceber que essa experiência nos fez ter informação de que o mundo está realmente necessitando de ajuda e que é nossa responsabilidade fazer algo para mudar a atual realidade, tentando ao máximo a transformar as informações coletas em conhecimentos práticos que devem ser usados visando o bem comum e a preservação do nosso futuro, afinal se o mundo acabar, nossa geração perderá a oportunidade de criar um mundo para si.

Referências

BBC “Por que cientistas dizem que próximos 18 meses serão cruciais para salvar o planeta”:

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/07/25/por-que-cientistas-dizem-que-proximos-18-meses-serao-cruciais-para-salvar-o-planeta.ghtml>

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada:

<https://www.cepea.esalq.usp.br/br>

DW, Made for Minds; Os cinco maiores problemas ambientais do mundo e suas soluções;

<https://www.dw.com/pt-br/os-cinco-maiores-problemas-ambientais-do-mundo-e-suas-solu%C3%A7%C3%B5es/a-36024985>

IPEA, Revista Desafios do Desenvolvimento; http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2134:catid=28&Itemid=23

IPCC, Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas; <http://www.ipcc.ch/>

REVISTA GALILEU, Desmatamento e agrotóxicos podem causar prejuízo à economia.
<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2019/02/desmatamento-e-agrotoxicos-podem-causar-prejuizo-economia.html>